



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – IGESC/UFU**



Mayra Cristina Soares Menezes

**MIGRAÇÃO ESTUDANTIL DO NORTE DE MINAS PARA A UFU: motivações,
desafios e percepções**

Uberlândia - MG

2025



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – IGESC/UFU**



Mayra Cristina Soares Menezes

**MIGRAÇÃO ESTUDANTIL DO NORTE DE MINAS PARA A UFU: motivações,
desafios e percepções**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Fagna Gomes de Souza.

Uberlândia - MG

2025

MAYRA CRISTINA SOARES MENEZES

**MIGRAÇÃO ESTUDANTIL DO NORTE DE MINAS PARA A UFU: motivações,
desafios e percepções**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Fagna Gomes de Souza.

Maio de 2025

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Angela Fagna Gomes de Souza (IGESC/UFU) - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Carvalho Gomes (IG/UFU)

Prof. Dr. Túlio Barbosa

MIGRAÇÃO ESTUDANTIL DO NORTE DE MINAS PARA A UFU: motivações, desafios e percepções

Mayra Cristina Soares Menezes¹, Angela Fagna Gomes de Souza ²

¹Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, ²Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar a migração interna de estudantes do Norte de Minas para a cidade de Uberlândia, com ênfase nas motivações educacionais, nas condições de permanência e nos desafios enfrentados por esses migrantes. Embora a migração interna e a mobilidade estudantil sejam temas presentes na literatura geográfica e educacional, ainda são escassos os estudos que tratam especificamente dos deslocamentos de jovens entre regiões intrarregionais de um mesmo estado, especialmente no contexto mineiro. A partir da aplicação de questionários com estudantes universitários oriundos do Norte de Minas que estudam na Universidade Federal de Uberlândia, da análise de dados secundários e de referências teóricas sobre migração, mobilidade estudantil e políticas públicas de acesso ao ensino superior, buscou-se compreender como fatores sociais, econômicos, familiares e institucionais influenciam esse processo migratório. O trabalho destaca também o papel do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) como mecanismos que ampliaram as possibilidades de ingresso em universidades fora do local de origem dos estudantes, intensificando os fluxos migratórios internos e revelando desigualdades territoriais no acesso à educação superior.

Palavras-chaves: Migração interna. Mobilidade estudantil. Políticas educacionais. Norte de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

A migração é um tema constante nos estudos geográficos devido a sua importância para a formação e transformação dos territórios, seja por movimentos temporários ou permanentes. No Brasil, os deslocamentos populacionais dentro do territorial nacional sempre desempenharam um papel importante na construção das cidades e regiões, assumindo diferentes formas e motivações ao longo do tempo. Entre essas, destaca-se a migração por motivos educacionais, que tem crescido com a expansão do ensino superior e com a concentração de instituições.

A migração estudantil, sobretudo no ensino superior, tem ganhado mais notoriedade nos últimos anos devido às novas políticas públicas educacionais implementadas no século XXI, como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Sistema de Seleção Unificado (SiSU), que têm sido essenciais para a expansão e democratização do ensino no Brasil.

Neste contexto, a cidade de Uberlândia, localizada no Triângulo Mineiro, destaca-se como um polo regional de atração de estudantes, especialmente oriundos de regiões mais periféricas do estado, como o Norte de Minas Gerais, devido à presença da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que se configura entre as 15 melhores universidades do país (RUF, 2024).

O Norte de Minas, historicamente marcada por carências estruturais e oportunidades limitadas de acesso ao ensino, acaba se tornando um espaço de partida para jovens que buscam em outras região o acesso à educação de qualidade e melhores condições de vida. A migração desses estudantes envolve não apenas uma mudança territorial, mas também desafios de adaptação, permanência e integração social.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo compreender e analisar o processo migratório de estudantes do Norte de Minas Gerais que se deslocam para estudar na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Busca-se identificar as causas que levam esses estudantes a deixarem suas cidades de origem, entender os motivos que os levaram a escolher Uberlândia como destino e a UFU como instituição de ensino, além de compreender os principais desafios, experiências e percepções enfrentadas pelos estudantes migrantes.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de compreender os efeitos das políticas públicas de expansão e democratização do ensino superior sobre os deslocamentos internos de estudantes, especialmente daqueles oriundos de regiões marcadas por desigualdades históricas, como o Norte de Minas Gerais. O interesse por este tema surge também de minha vivência pessoal como estudante migrante proveniente dessa região, o que me permite observar de forma mais sensível os desafios enfrentados por muitos jovens que, assim como eu, deslocaram-se para fazer o ensino superior.

A pesquisa qualitativa foi escolhida neste trabalho por sua capacidade de compreender, em profundidade, os significados atribuídos pelos estudantes do Norte de Minas ao processo de migração para Uberlândia. Essa abordagem permite analisar as experiências, motivações e percepções dos participantes, considerando o contexto social, cultural e educacional em que estão inseridos. Embora distinta da pesquisa quantitativa, que foca na mensuração e análise estatística, a abordagem qualitativa complementa-se a ela, contribuindo para uma visão mais ampla do fenômeno (Neves, 1996). Assim, optou-se por uma abordagem metodológica mista: a qualitativa, para captar as dimensões subjetivas da migração estudantil e a quantitativa, para identificar o volume e possíveis alterações nesse fluxo migratório ao longo dos últimos anos.

A investigação baseou-se na aplicação de questionário estruturado, divulgado por meio das mídias sociais, direcionados a estudantes norte-mineiros que atualmente cursam a

graduação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Campus Santa Mônica. O formulário foi composto por dezenove perguntas fechadas, com o objetivo de identificar as principais características socioeconômicas dos respondentes e duas perguntas abertas, destinadas a compreender os sentimentos dos estudantes e oferecer um espaço para o relato de suas dificuldades, experiências e percepções enquanto migrantes. O questionário permaneceu disponível durante um período de três semanas e totalizou 46 respostas. Além disso, foram utilizados dados secundários provenientes de fontes oficiais como o IBGE, a Pró-Reitoria de Graduação da UFU e o Mapa da Educação Superior no Brasil, elaborado pelo Instituto Semesp, com o objetivo de contextualizar os fluxos migratórios analisados e compreender a distribuição e o acesso ao ensino superior nas regiões analisadas.

A análise bibliográfica, por sua vez, envolveu a consulta a estudos acadêmicos sobre migração interna, políticas públicas educacionais e as características socioeconômicas das regiões em questão. No entanto, um dos principais desafios encontrados foi a escassez de estudos específicos sobre a migração interna de estudantes, o que demandou uma pesquisa mais aprofundada nas fontes disponíveis, destacando-se os trabalhos de Araújo (2022), Tavares (2001), Araújo (2024) e Fonseca (2015) que, embora não tratem exclusivamente da migração estudantil, oferecem contribuições relevantes para a compreensão dos deslocamentos populacionais e das dinâmicas territoriais associadas à educação.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, discute-se o conceito de migração e suas implicações no campo estudantil, além das principais políticas públicas educacionais implementadas no Brasil nas últimas décadas. Em seguida, apresenta-se a mesorregião do Norte de Minas Gerais, destacando os desafios socioeconômicos enfrentados por essa área e seus reflexos nos fluxos migratórios. Na sequência, introduzem-se a cidade de Uberlândia e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), destacando seu papel como polo regional de ensino superior. Por fim, realiza-se uma análise entre o acesso ao ensino superior nas duas regiões e traça-se o perfil socioeconômico dos estudantes migrantes.

MIGRAÇÃO: CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS

A migração configura-se como um dos temas mais recorrentes nas ciências humanas, dada sua relevância na compreensão das dinâmicas sociais. Segundo Carvalho (2022), o deslocamento de pessoas entre diferentes espaços geográficos é amplamente abordado nos estudos demográficos. No campo da Geografia, os fluxos migratórios ocupam posição central,

por contribuírem significativamente para a análise dos processos de construção e transformação dos territórios.

O movimento é fruto de determinações territoriais, materiais e imateriais, ao mesmo tempo; de contradições sociais; das forças econômicas, políticas e culturais que condicionam os saltos. A matéria e a idéia, conjugadas, estão em movimento constante, em que, há superações, articulações territoriais, internas e externas a cada território (Saquet, 2007, p.71).

Historicamente, a migração tem desempenhado um papel fundamental na expansão e na manutenção da vida humana. De acordo com Araújo (2022), antes do domínio das técnicas agrícolas e da criação de animais, as sociedades humanas primitivas dependiam do deslocamento constante para garantir a própria sobrevivência, uma vez que viviam da caça e da coleta. Quando os recursos se esgotavam em determinada região, migravam em busca de novas fontes de subsistência. Com o passar dos anos os deslocamentos humanos continuaram a ocorrer e os territórios seguiram sendo constantemente modificados por essas dinâmicas.

Segundo Tavares (2001), as mudanças no local de nascimento costumam representar o marco inicial do processo migratório. Dessa forma, compreende-se que, ao longo da história, o desejo por melhores condições de vida e de trabalho tem sido um dos principais impulsionadores dos deslocamentos populacionais em direção as regiões economicamente mais ativas e dinâmicas.

Biagioni (2010) reforça essa perspectiva ao afirmar que os indivíduos migrantes se mobilizam em direção a contextos em que identificam melhores perspectivas de integração social no mercado de trabalho, em comparação às oportunidades oferecidas em seus locais de origem. Assim, a migração não deve ser entendida como um objetivo final, mas como um instrumento que possibilita a inserção em um ambiente social mais promissor, capaz de proporcionar condições de vida mais adequadas.

Essa inserção, no entanto, pode provocar rupturas que atingem dimensões subjetivas, como ressalta Araújo (2022, p. 35):

Do ponto de vista da cultura, a migração traz outros desdobramentos para a vida dos sujeitos, pois estes deixam em seu território de origem mais do que trabalho e família, como uma abordagem ingênua do fenômeno poderia entender, deixam os elementos de identificação que compuseram sua existência até o momento de sua saída/fuga.

Dessa maneira, a migração implica não apenas no deslocamento espacial, mas também em uma reorganização identitária diante de um novo contexto. Essa reconfiguração pode gerar

novos sentimentos de pertencimento, conflitos culturais e desafios na reconstrução de vínculos no território de destino.

Nesse sentido, Fonseca (2015, p. 40) destaca:

O migrante conhece o local de origem, suas potencialidades e fragilidades, mas, sobre o local de destino, por mais que outros o tenham retratado, não há certeza das possibilidades de se obter o que se pretende. Fica sempre o mistério e o medo dos desafios a serem enfrentados. Podem ser muitos os obstáculos intervenientes, a saber: a distância; o custo do deslocamento; as dificuldades no transporte; as barreiras físicas e psicológicas, que estão relacionadas com os aspectos pessoais; a relação com o lugar; as dúvidas do caminho a se trilhar.

No contexto brasileiro, as migrações internas desempenham influência significativa sobre as dinâmicas sociais e econômicas, conforme argumenta Tavares (2001). O autor ressalta que tais movimentos foram fundamentais para a definição dos padrões de distribuição populacional no país, fenômeno que ainda repercute na atualidade.

Nessa mesma perspectiva, Baeninger (2012) evidencia que os processos migratórios internos no Brasil estão profundamente ligados à urbanização, sendo caracterizados por uma intensa mobilidade populacional, influenciada por diferentes fases econômicas, sociais e políticas. No entanto, a autora destaca que, mais recentemente, as transformações econômicas e políticas têm alterado os padrões migratórios no país. Já não se observam regiões com intensa retenção ou elevada perda de população migrante.

Esse novo cenário, marcado pela diminuição das desigualdades nos fluxos migratórios entre as regiões, impõe desafios conceituais e influencia tanto a decisão de migrar quanto a de permanecer nos destinos previamente escolhidos. Nesse sentido, ao considerar que os deslocamentos já não seguem os mesmos polos de atração e repulsão do passado, torna-se ainda mais relevante compreender a migração para além das condicionantes econômicas. Como afirma Araújo (2022, p. 18), “migrar é, além de um fenômeno social, um direito humano, de ir e vir”, o que revela sua dimensão como expressão de liberdade e cidadania.

Além dos fatores econômicos e estruturais, a educação emerge como uma motivação significativa para a migração interna, sendo um aspecto central na mobilidade de jovens em busca de formação acadêmica e profissional.

De acordo com Araújo (2022), a educação sempre refletiu a desigualdade social, com direito de estudar sendo um privilégio de uma elite, enquanto a maioria da população herdava o analfabetismo. Ele destaca que esse cenário gerou duas principais formas de mobilidade: uma,

movida pela busca por formação escolar por aqueles com condições de migrar, e outra, pela migração de trabalhadores rurais em busca de melhores condições de vida nas cidades.

Conforme Brito (2002), compreender as interações entre educação e migração exige uma abordagem que transcenda os aspectos meramente demográficos, incorporando uma análise abrangente dos processos sociais que moldam esses fenômenos, conforme abordado no item a seguir.

POLÍTICAS PÚBLICAS E ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

As políticas públicas, sobretudo as educacionais, possuem uma influência significativa nos processos migratórios. A ideia constante de que a educação é a porta de entrada para melhores oportunidades de vida vem ganhando ainda mais força nas últimas décadas com as novas formas de entrada nas Universidades Pública.

De acordo com Silva e Vargas (2020), anteriormente, o vestibular era a principal via de entrada para instituições públicas no Brasil, o que beneficiava principalmente aqueles que viviam próximos às instituições de ensino. “Em outras palavras, o vestibular tradicional favorecia a concorrência local e não expandia sua seleção para que estudantes de outras localidades ingressassem e preenchessem vagas em diferentes instituições do país” (Silva; Vargas, 2020, p.3).

Em 1998, através da portaria nº438 do Ministério da Educação (MEC), foi criado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo de avaliar o desempenho dos estudantes do Ensino Médio em todo o país. De acordo com Arrais (2023), o objetivo era contribuir com o desenvolvimento de novas políticas educacionais. Para a autora, essa iniciativa já apontava para a possibilidade do ENEM ser utilizado no futuro como porta de entrada para as instituições públicas federais, substituindo os vestibulares.

Segundo Arrais (2023), no começo do século XXI, houve uma transição nos modelos de admissão adotados pelas instituições de educação superior. A autora ressalta que essas transformações decorrem das novas políticas voltadas à expansão do ensino superior, que envolvem tanto a criação de novos campi quanto medidas para democratizar o acesso, como o aumento das vagas disponíveis e a adoção de um novo sistema de seleção, alinhadas ao Programa de Apoio a Planos e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

O REUNI foi instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, em 24 de abril de 2007, com o objetivo de recuperação estrutural, pedagógica e de pessoal das

universidades federais. As ações do programa visam à interiorização do Ensino Superior, o aumento de vagas nas graduações, a ampliação dos cursos noturnos e o combate a evasão. (Souza; Almeida, 2019, p.31)

Em sequência, no ano de 2009, o então ministro da Educação, Fernando Haddad, propôs à ANDIFES uma mudança no ENEM, com o objetivo de transformá-lo em um sistema nacional unificado de ingresso nas Universidades Federais. A proposta buscava substituir os vestibulares tradicionais, promovendo maior integração entre o ensino médio e o ensino superior (Silva; Vargas, 2020). Com isso, seria possível democratizar o acesso às vagas nas Instituições de Ensino Superior (IES), reestruturar o currículo do ensino médio e facilitar a mobilidade estudantil (Silva, 2022).

No mesmo ano, houve a criação do Sistema de Seleção Unificado (SiSU) pelo Ministério da Educação, um sistema onde os participantes do ENEM podem utilizar as suas notas para se candidatarem às vagas ofertadas pelas instituições federais de ensino superior. Segundo o MEC, em 2010, ano em que foi oficialmente implementado, o SiSU ofereceu 47 mil vagas para 51 instituições públicas em todo o país. Em 2011, o sistema reuniu mais 83 mil vagas, um aumento de 77% em relação ao ano anterior.

A reformulação do Enem e a implementação da plataforma Sisu modificaram radicalmente o sistema de seleção de instituições públicas do ensino superior brasileiro. As principais consequências esperadas dessa política de unificação são relacionadas a mudanças na qualidade alocativa entre alunos e vagas e a mudanças no comportamento de migração e evasão dos alunos. (Li, 2016, p.79)

De acordo com o Ministério da Educação (2010), na primeira edição do SiSU houve um aumento de 25% da taxa de mobilidade entre os estudantes, um ganho percentual significativo em relação à taxa anterior, que era de aproximadamente 1%.

É importante ressaltar que, apesar do ENEM e do SiSU terem contribuído significativamente para democratizar o acesso às instituições públicas, ainda há um longo caminho a percorrer para que o acesso às Universidades seja de fato um direito de todos. Para Silva (2022, p.37) “é necessário lembrar, no entanto, que o ENEM não democratiza o ingresso nas universidades, uma vez que, não abre maiores números de vagas dos cursos superiores”.

Arrais (2022) *apud* Pablo Gentili (2009) afirma que as políticas educacionais, sobretudo nos países da América Latina, são marcadas por uma “exclusão includente”, sendo modificadas de tempos em tempos, criando um novo ambiente de inclusão, mas que continua perpetuando a segregação social no sistema educacional. Dessa forma os estudantes, especialmente os

migrantes, enfrentam diversos desafios para permanecerem na Universidade, como a falta de moradias estudantis e a escassez de auxílios voltados para a permanência.

Assim, refletir sobre o papel social da Universidade por meio do ensino, pesquisa e extensão, constitui tarefa fundamental para o enfrentamento das questões postas pela contemporaneidade, como é o caso de estudantes que estão em processo de migração interna no contexto do ensino superior brasileiro com vistas na promoção e no desenvolvimento dos sujeitos, por meio de políticas públicas decorrentes do anseio dessa população e em conformidade com as necessidades e demandas da sociedade, dando voz a novos discursos e a vozes silenciadas. (Souza; Almeida, 2019, p.32)

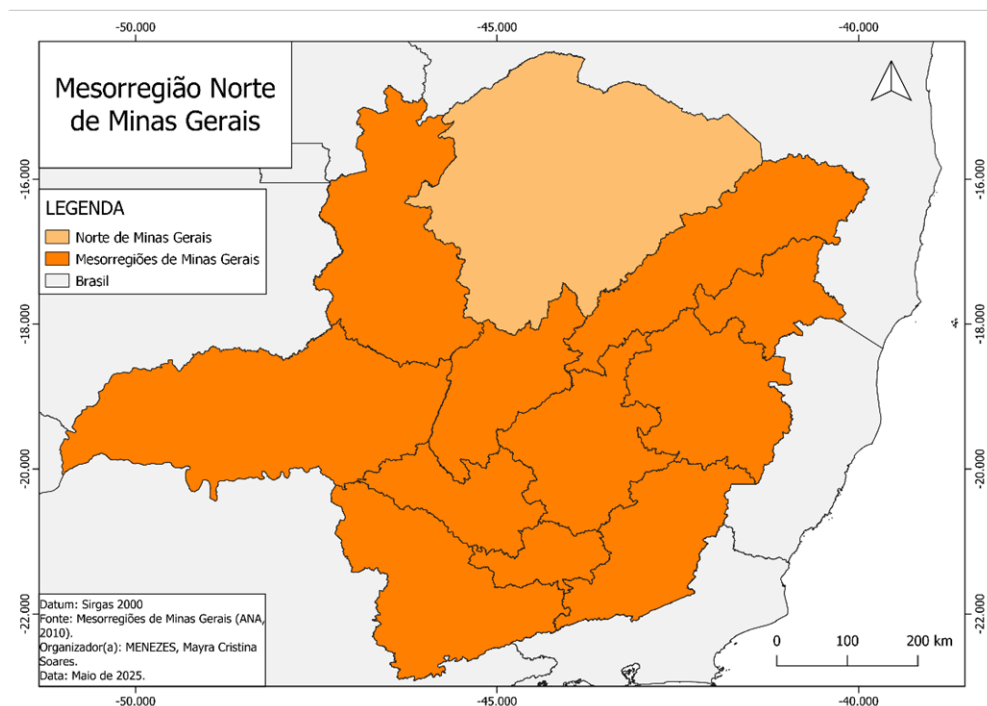
É inegável que as políticas públicas implementadas nas últimas décadas tenham substancialmente favorecido o acesso ao ensino superior em todo o Brasil, e que a mobilidade estudantil tem sido uma consequência natural desse processo. No entanto, é crucial lembrar que ainda há muito a ser feito para que o ensino superior se torne verdadeiramente um direito acessível a todos, independente da região, da classe social, da raça ou etnia.

NORTE DE MINAS: PERFIL E DESAFIOS

Na década de 1990, o IBGE elaborou a Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões geográficas, com base em critérios que refletiam tanto aspectos naturais quanto socioeconômicos de cada região. Nesse contexto, o estado de Minas Gerais foi dividido em 12 mesorregiões. Entretanto, em 2017, essa classificação foi substituída por um novo modelo, que substitui as 12 mesorregiões por 10 regiões geográficas intermediárias, priorizando os fluxos de pessoas e serviços em vez de características físicas, socioeconômicas e culturais (IBGE, 2017).

Essa mudança aconteceu por considerar que a nomenclatura antiga estava desatualizada em relação às dinâmicas modernas, não considerando o crescimento de cidades médias e novas centralidades, o aumento dos deslocamentos diários por trabalho e estudo e a necessidade de planejamento público baseado em redes urbanas, não apenas em limites naturais. Contudo, para este trabalho, utilizaremos a divisão de 1990, que mantém a organização em mesorregiões baseadas em critérios geográficos, históricos e socioeconômicos tradicionais, por sua relevância cultural, territorial e social para a análise proposta.

Mapa 1 – Localização da Mesorregião Norte de Minas Gerais



Fonseca (2015) ressalta que as mesorregiões de Minas Gerais se caracterizam por uma série de especificidades, entre elas a riqueza natural, histórica e cultural, a presença de atividades como a mineração de pedras preciosas, a expansão da pecuária, o avanço da industrialização e a diversidade de manifestações religiosas.

São extraordinárias as disparidades socioeconômicas que formaram o espaço mineiro. As “minas”, marcadas pela economia do ciclo do ouro; e os “gerais”, por diversas atividades, especialmente a pecuária e o aproveitamento das riquezas do cerrado. (Fonseca, 2015, p.85)

O Norte de Minas Gerais, maior mesorregião do estado, ocupa uma área de 128.454 km² e reúne 89 municípios distribuídos em sete microrregiões: Montes Claros, Bocaiúva, Grão Mogol, Janaúba, Januária, Pirapora e Salinas. A região carrega um legado de adversidades climáticas e econômicas, com secas recorrentes e altos índices de pobreza que, historicamente, a tornam dependente de transferências governamentais para manter sua infraestrutura e serviços básicos.

A região Norte de Minas Gerais apresenta um perfil socioeconômico marcado por contrastes, com municípios que variam significativamente em termos de desenvolvimento humano e contribuição econômica. De acordo com o IBGE (2010), Montes Claros se destaca com um IDHM de 0,770 em 2010, valor próximo à média mineira (0,774). Outros municípios,

como Januária (0,658) e Salinas (0,679), apresentam indicadores mais baixos, refletindo desafios relacionados à educação, renda e longevidade.

Do ponto de vista econômico, o Norte de Minas desempenha um papel relevante no agronegócio e na mineração. De acordo com o Governo do Estado de Minas Gerais (2022), a fruticultura irrigada no Vale do São Francisco, especialmente nos municípios de Jaíba e Janaúba, onde estão localizados os projetos Jaíba e Gorutuba, destaca-se pela produção de banana, sendo a região a segunda maior produtora do Brasil.

Na indústria, Montes Claros consolida-se como um polo de laticínios e frigoríficos. As indústrias instaladas na cidade se fortaleceram ao longo dos anos, destacando-se, entre elas, a maior fábrica de leite condensado do mundo (Nestlé), uma das três fábricas de insulina da América Latina (Nordisk), uma das mais modernas fábricas têxteis do país (Cotenor) e a quinta maior fábrica de cimento do Brasil (Lafarge). Enquanto isso, Pirapora ganha destaque na geração de energia solar (Prefeitura de Montes Claros, 2025). A mineração, embora menos expressiva do que no Centro-Sul de Minas, ainda tem relevância em cidades como Grão Mogol, conhecida pela extração de diamantes.

De acordo com Araújo (2024), a chegada da Linha Férrea Central do Brasil, em 1958, foi de extrema importância para a modernização da região, ao buscar integrar as diferentes forças produtivas do Nordeste e do Centro-Sul. Segundo a autora, a construção da ferrovia provocou uma série de mudanças nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas da região, aproximando o Norte de Minas das demais partes do país e rompendo com seu histórico de isolamento. Entretanto, mesmo com os investimentos trazidos pela estrada de ferro, a região não alcançou o desenvolvimento esperado.

O Norte de Minas permaneceu, por décadas, com uma infraestrutura precária, baixa oferta de serviços essenciais e escassas oportunidades de ascensão social, fatores que evidenciaram as desigualdades internas da região. Diversas iniciativas de integração e desenvolvimento regional foram implementadas ao longo do tempo, como os programas da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e outros projetos de desenvolvimento do semiárido, mas seus efeitos foram limitados frente à complexidade dos problemas estruturais da região (Paula, 2009).

Como destaca Fonseca (2015), essas disparidades persistem em grande medida devido à forma como o poder público atua na região, com intervenções pouco eficazes e com baixa articulação da sociedade civil, geralmente representada por elites locais que priorizam seus próprios interesses e se beneficiam dos recursos públicos.

Nesse contexto, Pereira (2006, p.35) destaca que:

Além da convivência com a seca periódica, a baixa produção econômica, as cidades norte-mineiras, independentemente do tamanho, enfrentam problemas como a falta de adequada infra-estrutura urbana, o desemprego, a migração sazonal, a política do assistencialismo, as drogas, a dificuldade de acesso (péssimas condições das estradas), a falta de saneamento, a pobreza que se amplia a cada dia, dentre outros.

Diante desse quadro de desigualdades estruturais e limitações socioeconômicas persistentes no Norte de Minas, observa-se a adoção de diferentes estratégias por parte da população local na tentativa de melhorar suas condições de vida. Entre essas estratégias, destaca-se a migração, frequentemente motivada pela busca por melhores oportunidades educacionais, profissionais e de acesso a serviços públicos mais qualificados. Esse movimento populacional revela uma dinâmica importante no processo de reestruturação territorial e na redistribuição de oportunidades no interior do estado.

As migrações no Norte de Minas Gerais constituem parte importante da história da região, como afirma Paula (2009). A autora destaca que o estabelecimento do latifúndio, por meio da concentração de terras, consolidou o capitalismo rural na região, provocando a expulsão das populações nativas e gerando uma série de danos à natureza local. Com isso, houve uma intensa mecanização do campo, o que resultou em grandes fluxos migratórios para cidades médias e grandes do país.

Nesse sentido, observa-se que os incentivos econômicos e os projetos de desenvolvimento implementados não apenas visavam à modernização da região, mas também influenciaram diretamente o comportamento da população frente às oportunidades emergentes. A redistribuição espacial mencionada por Araújo (2024) revela como as políticas públicas podem moldar os movimentos populacionais, ao criar polos de atração ou repulsão conforme a eficácia, ou ineficácia, das ações de desenvolvimento promovidas.

Paula, et. al (2019) discorrem sobre como a migração se integrou ao cotidiano das famílias do Norte de Minas, especialmente a partir da modernização do campo, que teve um impacto significativo sobre pequenos produtores e camponeses. As autoras afirmam que, nesse contexto, migrar torna-se uma estratégia, uma forma de reprodução social e de resistência das famílias frente às adversidades. Segundo Fonseca (2015, p.241) “no Norte de Minas, a potencialidade migratória, tanto de emigração como de imigração, é elevada; além do quê, os dados de retorno demonstram claramente que faltam, na Mesorregião, oportunidades para a permanência do indivíduo no seu local de naturalidade”.

Por fim, destaca Paula (2009, p.124):

São as migrações as errâncias e as vivências nos Gerais uma parte das possibilidades de seguirem construindo uma cartografia simbólica de traços da cultura, da história, da identidade, dos valores no cotidiano. São transformações em e no grupo e em cada um e uma, e que permitem a compreensão da representação dos espaços vividos, das temporalidades reconhecidas e diferenciadas; identificadas na diversidade do viver entre os ambientes, a natureza e os espaços sociais da vida.

Ao se referir às "errâncias" e às vivências no sertão mineiro, Paula (2009) reconhece que migrar também é um processo de construção de identidade, memória e pertencimento. As migrações, nesse sentido, não apenas refletem as condições materiais da região, mas também contribuem para a ressignificação dos espaços vividos e para a manutenção de laços sociais e culturais entre territórios de origem e destino.

O TRIÂNGULO MINEIRO E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Em contraste com o Norte de Minas, destaca-se a cidade de Uberlândia, sede da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Com 713.224 mil habitantes, segundo dados do IBGE (2022), Uberlândia é a segunda maior cidade de Minas Gerais e integra a Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. O município caracteriza-se por sua economia dinâmica, com forte presença dos setores de serviços e indústria, configurando-se como um importante centro regional de desenvolvimento socioeconômico e educacional. A cidade de Uberlândia foi reconhecida como polo regional pela Fundação João Pinheiro a partir de 1985, juntamente com outras 11 cidades mineiras. Considerada uma capital regional, exerce influência sobre mais de 32 municípios (Brumes; Silva, 2010).

Segundo Alberto (2023), Uberlândia experimentou um grande crescimento e desenvolvimento entre as décadas de 1920 e 1960, especialmente quando comparada aos demais municípios da região. O autor ressalta que a política de interiorização da economia, aliada à construção de Brasília, impulsionou significativamente o desenvolvimento comercial e industrial da cidade.

Nesse contexto, o governo federal lançou, na década de 1950, os primeiros programas de desenvolvimento agrícola, visando à modernização e à mecanização da agricultura, com o objetivo de aumentar a produtividade e a eficiência no campo. Devido à sua extensão territorial plana, o Triângulo Mineiro destacou-se como uma região de grande potencial agrícola (Araújo, 2024).

O crescimento urbano observado nas décadas seguintes foi impulsionado por esses processos de industrialização, modernização agrícola e expansão do comércio no país. Enquanto a população urbana aumentava de forma expressiva, a diminuição da população rural ocorria em ritmo mais lento, evidenciando que, além do êxodo rural, Uberlândia também recebeu migrantes provenientes de outras regiões.

Essa ampliação da população urbana, apensada ao desenvolvimento comercial e industrial, tem como consequência o aumento na demanda de profissionais habilitados para atuar no próprio município. Havia demandas em todas as áreas: professores, médicos, engenheiros, economistas, advogados, contabilistas, entre outros. Assim surge a necessidade de se formar mão de obra especializada na própria cidade para suprir o mercado. Além disso, a criação de instituições de ensino superior exerce a função de conter o fluxo de estudantes que migram para outras regiões e proporciona um movimento inverso: traz para a cidade estudantes de outras regiões atraídos pela possibilidade de estudos (Alberto, 2023, p.141).

A formação do ensino superior em Uberlândia foi moldada pela interação entre as dinâmicas da política nacional e da política local. Segundo Brito e Cunha (2009), as iniciativas do governo federal, aliadas aos interesses da sociedade civil da cidade, representada por sua classe política e grupos locais, atuaram de maneira conjunta, exercendo grande influência tanto na criação quanto no processo de federalização da UFU. Os autores destacam que a criação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assim como ocorreu com outras universidades surgidas durante o período desenvolvimentista brasileiro, resultou de decisões políticas e da integração de faculdades privadas isoladas que, à época, recebiam financiamento do Estado de Minas Gerais e do Governo Federal.

O ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR NO NORTE DE MINAS E NO TRIÂNGULO MINEIRO

As relações migratórias entre Triângulo Mineiro e Norte de Minas ocorrem desde 1940 e foram influenciadas por diversos fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais. Segundo Araújo (2024), a precariedade da estrutura básica e a limitação do acesso à educação são fatores que influenciaram esse fluxo entre as regiões.

De acordo com Fonseca et al. (2010), o Triângulo Mineiro é a segunda região que mais recebe migrantes do Norte de Minas, atrás apenas da mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. A quantidade de migrantes que se deslocam para essas duas regiões é muito superior em comparação àqueles que migram para outras regiões de Minas Gerais.

Nesse sentido, a relação entre migração e educação pode ser melhor compreendida ao se analisar a estrutura do ensino superior nas regiões de origem e destino. O quadro 1 sintetiza os principais dados sobre as instituições, matrículas e vagas ofertadas em ambas as regiões no ano de 2022, que correspondem às informações mais recentes disponíveis até o momento:

Quadro 1 - Caracterização das Instituições e Matrículas

Região	Total de IES	IES Públicas	IES Privadas	Matrículas em 2022 (Públicas)	Matrículas em 2022 (Privadas)	Total de Matrículas em 2022
Norte de Minas	23	4	19	12.721	12.206	24.927
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	35	3	32	34.036	41.896	75.930

Fonte: Mapa do Ensino Superior, Instituto Semesp, 2024.

Ao analisarmos o quadro 1, percebemos diferenças significativas no número de instituições e vagas totais entre o Triângulo Mineiro e o Norte de Minas. Observa-se uma distinção importante entre o número de instituições públicas e privadas nas duas regiões. No Norte de Minas, percebe-se a presença de um número maior de instituições públicas em comparação ao Triângulo Mineiro.

Entretanto, é importante ressaltar que algumas dessas instituições, destacadas no quadro 2, são originárias de outras regiões do estado e mantêm apenas um campus no Norte de Minas, como é o caso da UFMG e da UFVJM, que possuem unidades em Montes Claros e Janaúba, respectivamente, nas quais são ofertados apenas alguns cursos. Quanto às instituições privadas, o número presente no Triângulo Mineiro é quase o dobro em relação ao registrado no Norte de Minas.

Quadro 2 – Instituições Públicas e cidades por região

Região	Instituição Pública	Cidades
Norte de Minas Gerais	Unimontes	Montes Claros, Bocaiúva, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba, Pirapora, Salinas e São Francisco
	UFVJM	Janaúba

	UFMG	Montes Claros
	IFNMG	Montes Claros, Janaúba, Pirapora, Salinas, Arinos, Januária
Triângulo Mineiro	UFU	Uberlândia, Monte Carmelo, Ituiutaba, Patos de Minas
	UFTM	Uberaba, Iturama
	IFTM	Uberaba, Uberlândia, Ituiutaba, Paracatu, Patos de Minas, Patrocínio, Campina Verde

Fonte: Unimontes (2025), UFVJM (2025), UFMG (2025), IFNMG (2025), UFU (2025), UFTM (2025) e IFTM (2025).

A discrepância se torna ainda mais evidente ao compararmos o número de matrículas entre as duas regiões. Nas instituições públicas, o número de matrículas em 2022 no Triângulo Mineiro foi o dobro do registrado no Norte de Minas. A diferença é ainda mais expressiva no setor privado, com o Triângulo Mineiro apresentando um número três vezes maior de matrículas. No total, a região do Triângulo Mineiro possui um quantitativo 204,6% superior ao do Norte de Minas, o que evidencia disparidades no acesso ao ensino superior entre as regiões analisadas, mesmo quando se considera que, em 2010, a população do Triângulo Mineiro (2.291.868 habitantes) era apenas 44% maior que a do Norte de Minas (1.589.993 habitantes) (Fonseca et al, 2020).

A principal instituição pública de ensino superior no Norte de Minas é a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) que, além do campus-sede em Montes Claros, possui unidades nos municípios de Bocaiúva, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba, Pirapora, Salinas e São Francisco, além de um campus em Almenara, na região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, e outro em Paracatu, no Noroeste de Minas. Ao todo, a universidade alcança 342 municípios, atende aproximadamente dois milhões de habitantes e oferece 57 cursos de graduação. No Ranking Universitário Folha (RUF) de 2024, a Unimontes ocupa a 77ª posição

na categoria geral, figurando entre as 100 melhores universidades do país. Na categoria voltada ao mercado de trabalho, a instituição aparece na 133ª colocação.

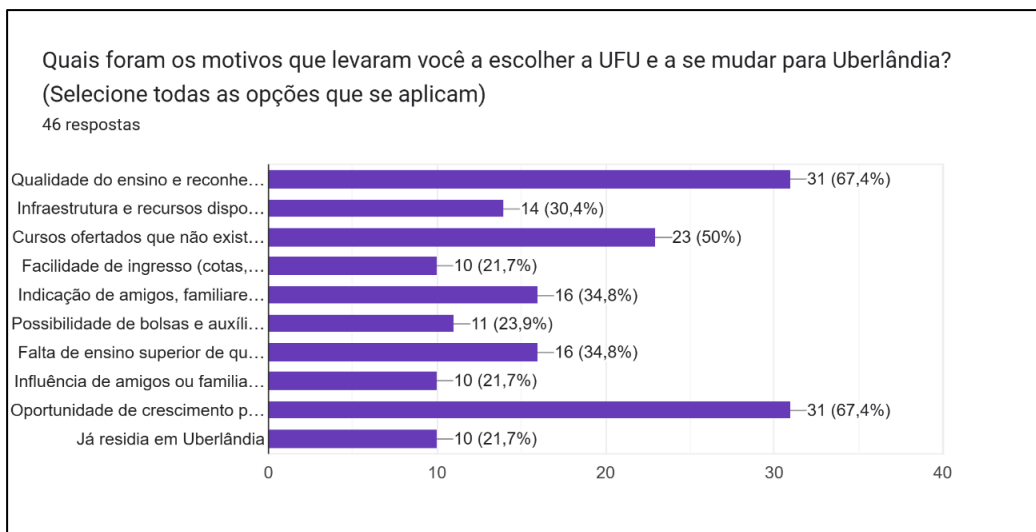
Já no Triângulo Mineiro, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) se destaca como a principal referência em ensino superior. Com uma oferta de 93 cursos de graduação, a instituição possui sete campi: Campus Educação Física, Campus Glória, Campus Umuarama e Campus Santa Mônica, localizados em Uberlândia; Campus Patos de Minas, em Patos de Minas; Campus Pontal, em Ituiutaba; e Campus Monte Carmelo, em Monte Carmelo. A UFU ocupa a 14ª posição geral no RUF 2024, evidenciando seu reconhecimento nacional. No quesito mercado, a universidade aparece na 30ª colocação, o que reforça sua relevância também na inserção profissional dos estudantes.

Em função de compreender os motivos que levaram os estudantes do Norte de Minas a escolherem a UFU, foi aplicado um questionário entre os dias 19 de março e 5 de abril de 2025. O questionário possuía 21 questões, sendo 19 fechadas e 2 abertas. As questões iniciais abordaram dados sociodemográficos, como gênero, idade, município de origem e composição familiar. Em seguida, foram investigadas informações sobre a situação socioeconômica antes da migração, incluindo renda familiar e acesso a programas sociais. O formulário também contemplou perguntas sobre os motivos da escolha pela UFU, a consideração de outras instituições, o processo de adaptação à nova cidade e as formas de custeio e moradia.

Por fim, foram exploradas as perspectivas futuras dos estudantes, como a intenção de retornar ou não à região de origem após a conclusão da graduação. As duas perguntas abertas possibilitaram que os participantes compartilhassem livremente experiências, dificuldades e percepções, contribuindo com elementos qualitativos que complementam os dados quantitativos coletados. Dessa forma, nesta seção, pretende-se discutir os dados obtidos por meio do questionário.

Os dados da pesquisa reforçam a atratividade da instituição e contribuem para a compreensão dos fatores que impulsionam a migração estudantil do Norte de Minas para o Triângulo Mineiro. Como indicado no Gráfico 1, ao serem questionados sobre as motivações que os levaram a escolher a UFU para cursar a graduação, 67,4% dos respondentes assinalaram que a qualidade do ensino e o reconhecimento da universidade foram fatores determinantes. O mesmo percentual também indicou que as oportunidades de crescimento profissional e acadêmico influenciaram sua decisão. Além disso, 50% dos estudantes apontaram como motivação o fato de que os cursos ofertados pela UFU não estavam disponíveis em suas cidades de origem. É importante ressaltar que, nessa pergunta, os participantes puderam selecionar mais de uma alternativa.

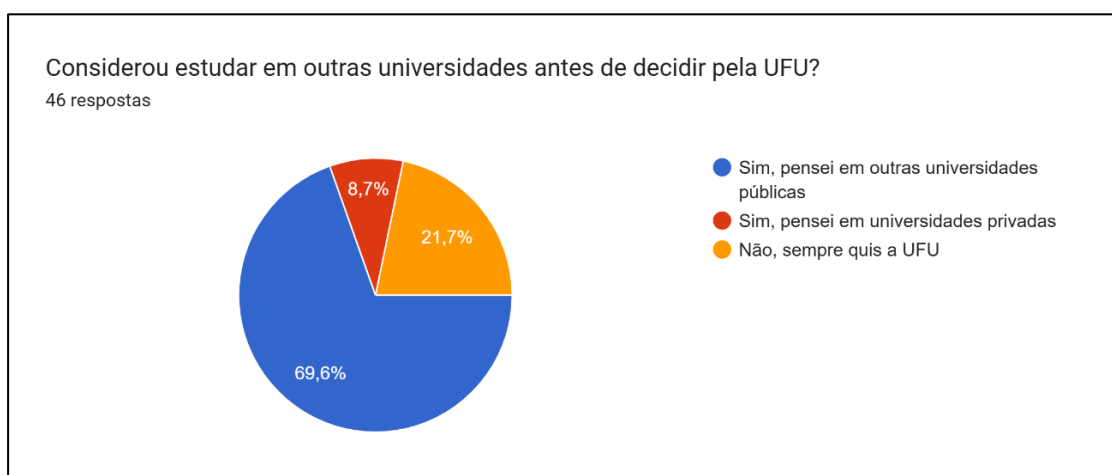
Gráfico 1 – Motivações que levaram os estudantes a escolherem a UFU



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

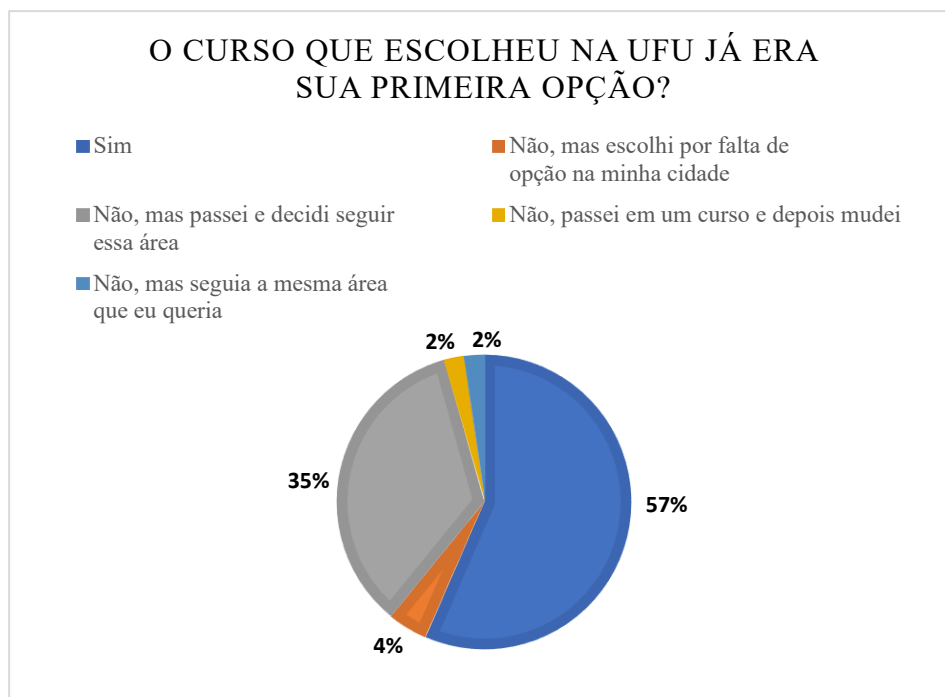
Os dados apresentados nos Gráficos 2 e 3 indicam que quase 70% dos estudantes migrantes do Norte de Minas avaliaram outras instituições públicas antes de selecionar a UFU. 21,7% dos estudantes que participaram da pesquisa relataram que a UFU foi sua única opção desde o início. Quanto ao perfil de ingresso, mais da metade dos estudantes conseguiu vaga no curso de sua primeira escolha, enquanto 35% ingressaram em cursos diferentes do inicialmente pretendido. Apenas 8,7% afirmaram ter considerado o ingresso em instituições privadas.

Gráfico 2 - Possibilidade de escolher outras universidades antes de ingressar na UFU.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Gráfico 3 – O curso na UFU foi a primeira opção do estudante?



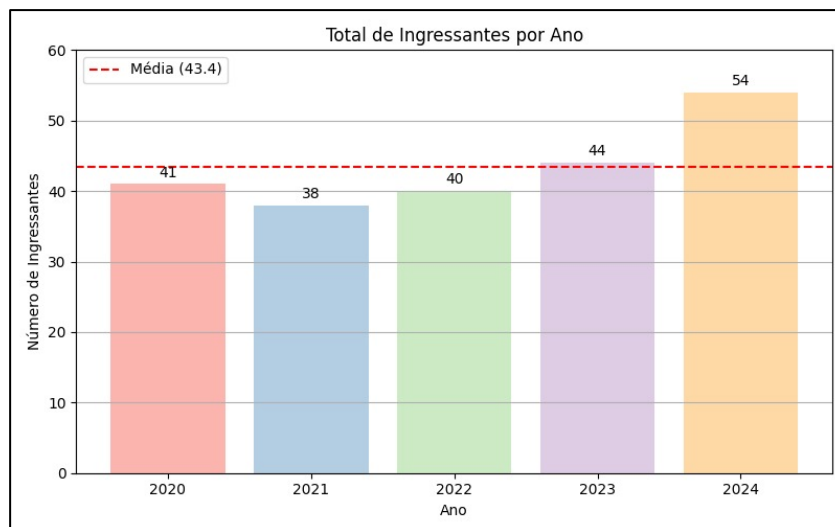
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

De acordo com Araújo (2022), a disponibilidade, ou a falta, de infraestrutura escolar, tanto nas regiões de origem quanto nas de destino, atua como um elemento decisivo, podendo atrair ou até mesmo repelir migrantes em seu processo de escolha. Diante das diferenças estruturais e qualitativas entre as instituições de ensino superior do Triângulo Mineiro e do Norte de Minas, torna-se possível compreender alguns dos motivos que podem levar estudantes norte-mineiros a migrar para cursar o ensino superior na Universidade Federal de Uberlândia, conforme discutido no tópico seguinte.

ESTUDANTES MIGRANTES DO NORTE DE MINAS PARA ESTUDAR NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Os dados apresentados foram disponibilizados pela Pró-Reitoria de Graduação da UFU, referente aos estudantes oriundos das principais cidades da região: Grão Mogol, Janaúba, Montes Claros, Pirapora e Salinas entre os anos de 2020 e 2024. De acordo com o gráfico 4, nesse período, o número de ingressantes variou entre 38 e 54 por ano. O ano de 2024 registrou o maior número de ingressantes (54), enquanto 2021 teve o menor total (38). A média geral do período foi de 43,4 estudantes por ano.

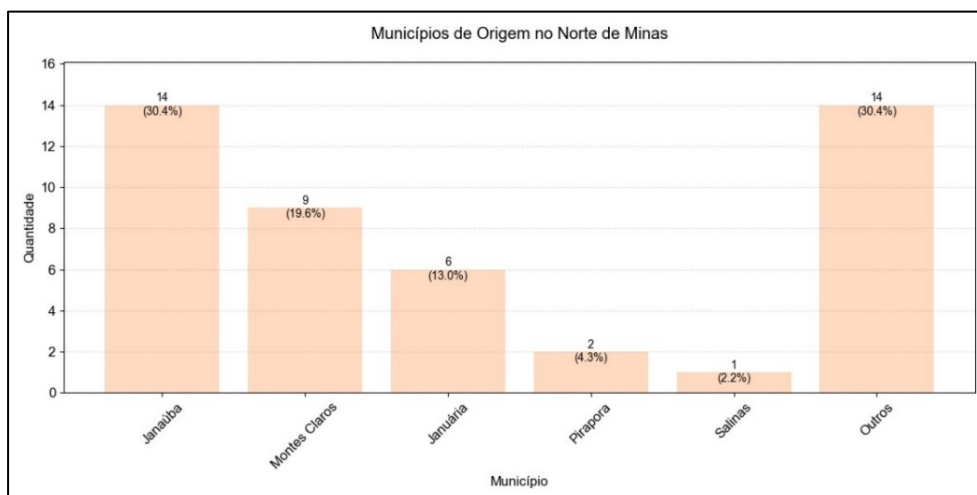
Gráfico 4 – Total de ingressantes do Norte de Minas Gerais na UFU entre 2020 a 2024



Fonte: UFU/PROGRAD. Elaboração da autora (2025).

Quanto à origem geográfica preenchida pelos estudantes no formulário, observa-se no Gráfico 5 que 30,4% dos respondentes residiam anteriormente em Janaúba, 19,6% em Montes Claros e 13% em Januária. Outros municípios representados incluem Grão Mogol, Pirapora, Salinas, Jaíba e Bocaiúva, indicando uma ampla distribuição territorial dos estudantes antes da migração. É importante destacar que as cidades com maior número de estudantes entre os respondentes coincidem com aquelas que apresentam os maiores fluxos de migração estudantil para a UFU, conforme os dados da Pró-Reitoria de Graduação.

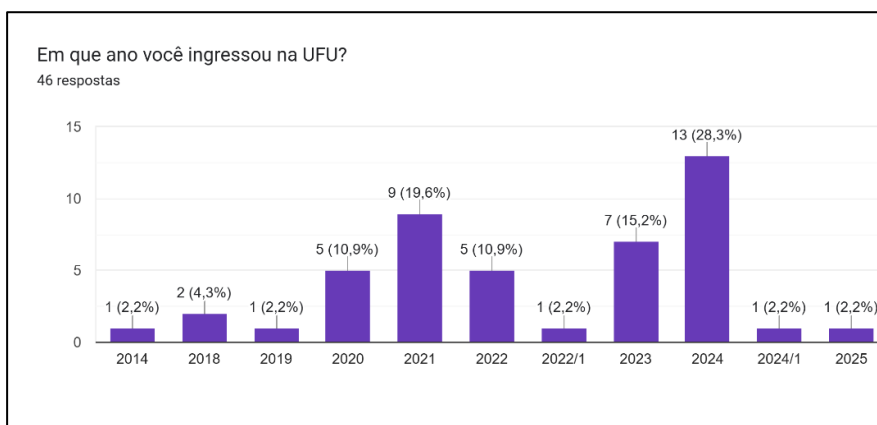
Gráfico 5 – Município de origem dos estudantes entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

O Gráfico 6 mostra o ano de ingresso dos 46 estudantes que responderam ao questionário. A maior parte dos respondentes declarou ter ingressado na UFU em 2024, seguida pelos anos de 2021 com 19,6% e 2023 com 15,2%. Também há registros de ingresso em anos anteriores, desde 2014, ainda que com menor frequência. Os dados demonstram que o fluxo migratório de estudantes do Norte de Minas para a UFU mantém-se relativamente estável no período analisado, com um aumento significativo observado a partir de 2023.

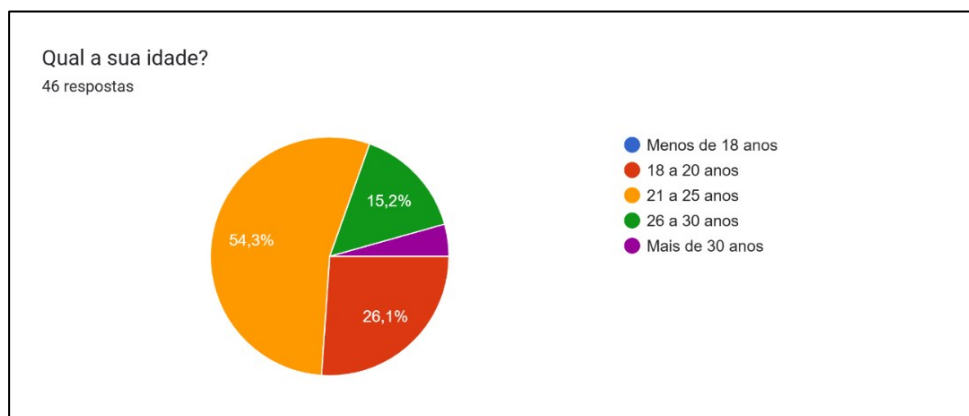
Gráfico 6 - Ano de ingresso dos estudantes entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Em relação à faixa etária, o gráfico 7 mostra que 54,3% dos estudantes encontram-se entre 21 e 25 anos, enquanto 26,1% têm entre 18 e 20 anos. Quanto à distribuição por gênero, 71,7% dos respondentes se identificam com o gênero feminino, 26,1% com o gênero masculino e 2,2% como não binários. Paula (2009) destaca que, no século XXI, as mulheres, sobretudo as mais jovens, têm migrado com maior frequência para outras regiões, o que corrobora com os dados obtidos.

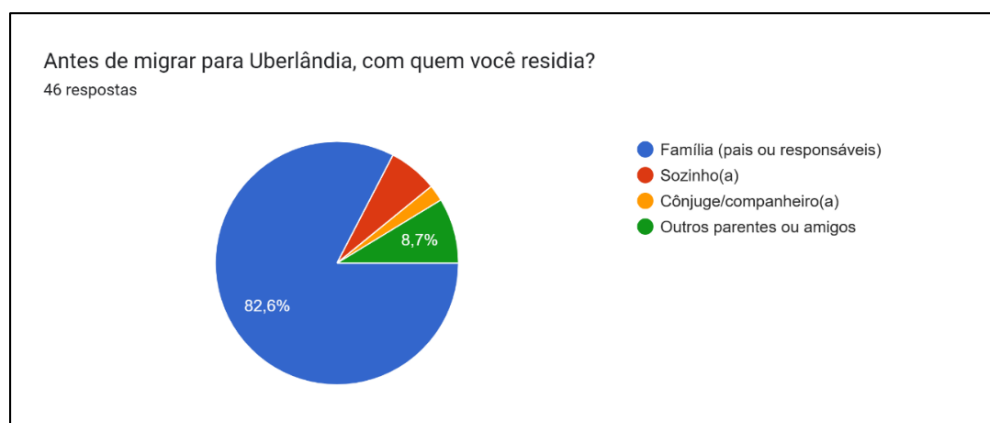
Gráfico 7 – Idade dos estudantes entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

De acordo com o gráfico 8, a maioria dos estudantes residiam com integrantes da família antes de se mudarem. A maior parte dos estudantes respondentes não possui familiar em Uberlândia. Ainda assim, é importante destacar que, segundo o Gráfico 1, 34,8% dos estudantes indicaram que a recomendação de amigos e familiares foi um dos fatores que influenciaram a migração para Uberlândia.

Gráfico 8 – Com quem os estudantes entrevistados moravam antes de migrar para Uberlândia?

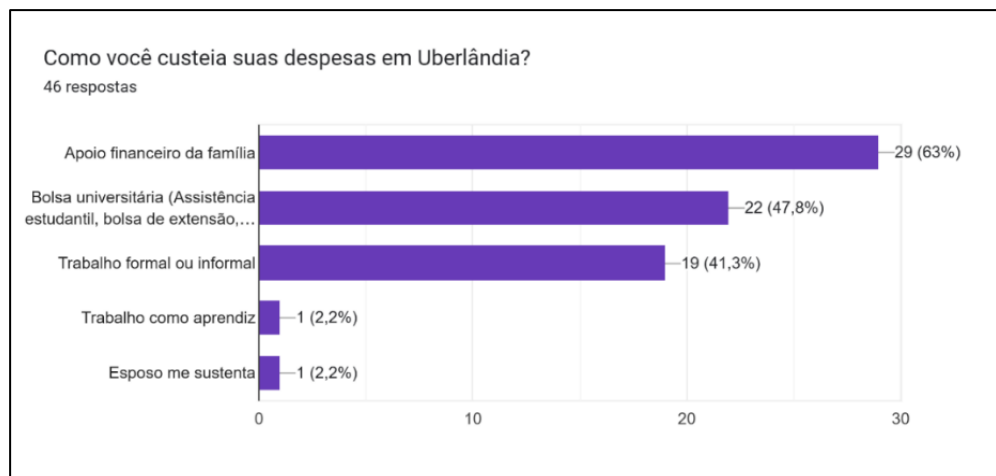


Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Conforme gráfico 9, cerca de 63% dos estudantes custeiam suas despesas em Uberlândia com o apoio financeiro da família e com auxílios e bolsas ofertados pela universidade. De acordo com o IBGE, uma parte significativa da população brasileira vive com uma renda inferior a três salários-mínimos por mês. No que diz respeito aos estudantes participantes, de acordo com o gráfico 10, 37% possuem renda familiar de até um salário-mínimo, enquanto apenas 4,3% dos respondentes possuem renda superior a cinco salários-mínimos.

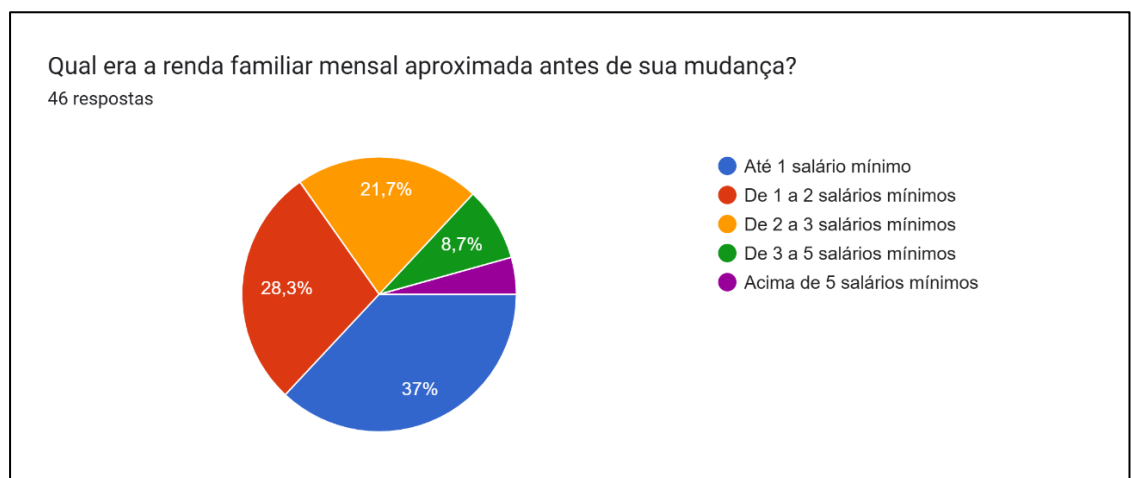
Nesse cenário, marcado pela predominância de estudantes de baixa renda, é fundamental refletir sobre o papel da assistência estudantil como política pública que viabiliza, de forma concreta, o acesso às condições mínimas de permanência acadêmica, frente às múltiplas demandas que surgem com a entrada no ensino superior (Araújo et al, 2019). No caso de estudantes migrantes, a ausência de uma rede de apoio local pode tornar os auxílios vinculados ao Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) ainda mais essenciais para garantir a continuidade nos estudos e mitigar desigualdades sociais no acesso à universidade pública.

Gráfico 9 – Renda familiar dos estudantes entrevistados antes de migrar para Uberlândia



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

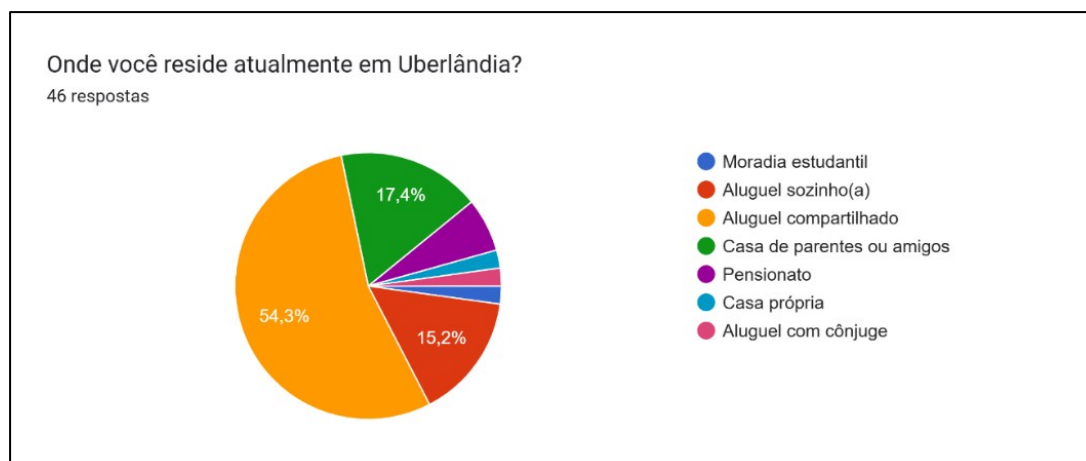
Gráfico 10 – Forma como os estudantes entrevistados custeiam sua estadia em Uberlândia



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Conforme o Gráfico 11, cerca de 54% dos estudantes moram de aluguel e compartilham a residência com outras pessoas, enquanto 17% moram com familiares ou amigos. É importante ressaltar que é possível que alguns desses estudantes já residissem em Uberlândia antes de ingressar na UFU, como se observa no Gráfico 1, no qual alguns responderam que já moravam na cidade e, por isso, optaram pela universidade. A grande maioria reside em bairros próximos a UFU, principalmente no bairro Santa Mônica, onde fica localizado o campus sede da universidade.

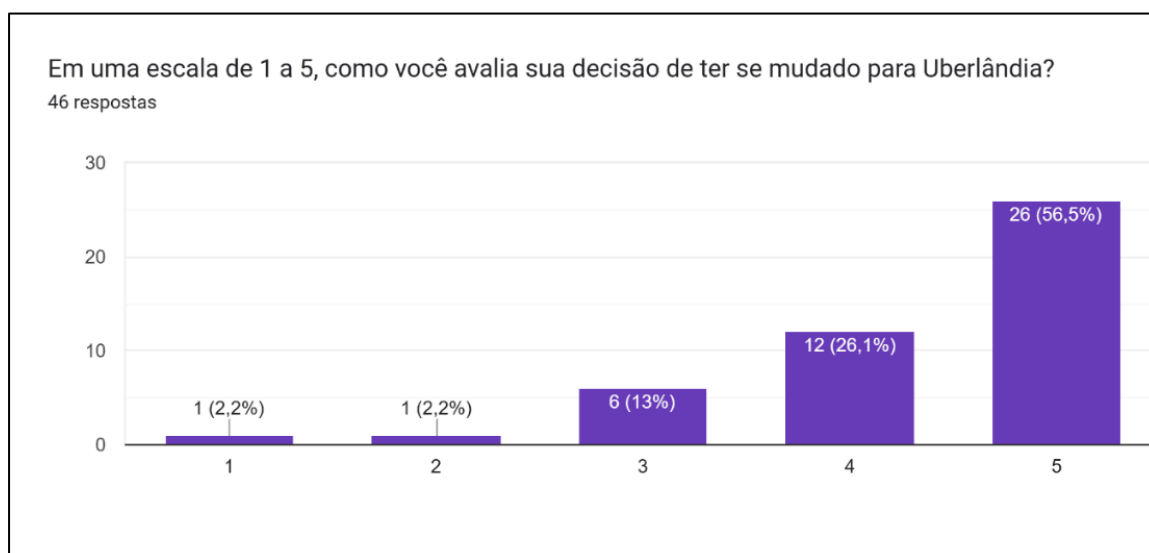
Gráfico 11 – Forma de moradia dos estudantes migrantes em Uberlândia.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

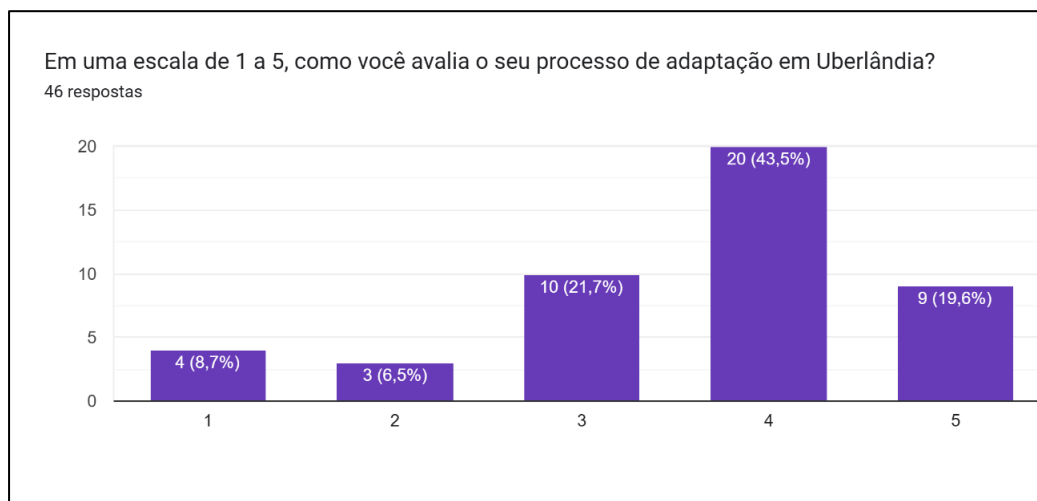
De acordo com os Gráficos 12 e 13, a maioria dos estudantes consideram seu processo de adaptação positivo, com 63,1% atribuindo notas 4 ou 5. Isso pode indicar que, de forma geral, os estudantes se adaptaram bem à nova cidade. A nota 3 sugere que uma parte ainda enfrenta desafios, mas sem grandes dificuldades. Apenas uma minoria relatou uma adaptação ruim, o que pode refletir em experiências pessoais específicas como dificuldades sociais, financeiras ou de acolhimento.

Gráfico 12 – Avaliação sobre a decisão de se mudar para Uberlândia



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Gráfico 13 – Avaliação do processo de adaptação na cidade de Uberlândia



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora (2025).

Ao serem questionados sobre a pretensão de retornar ao Norte de Minas, a maioria dos estudantes afirmou ainda não saber. Cerca de 37% declararam que não pretendem voltar, enquanto 13% manifestaram o desejo de retornar. Além disso, 56% afirmaram que talvez permaneçam em Uberlândia, a depender das oportunidades de emprego; 26% disseram querer permanecer na cidade após a conclusão da graduação, e apenas 8% expressaram a intenção de retornar às suas cidades natais.

Os dados analisados até aqui permitiram traçar um panorama geral sobre o perfil dos estudantes migrantes do Norte de Minas na UFU, suas condições de vida e os fatores que influenciaram sua vinda para Uberlândia. A maioria dos estudantes são jovens de baixa renda, predominantemente mulheres, com idades entre 18 e 25 anos. Grande parte depende de auxílios e bolsas universitárias para custear suas despesas. A adaptação à cidade tem sido, em geral, positiva, embora alguns relatem desafios relacionados à moradia e ao custo de vida.

No entanto, para além dos aspectos quantitativos e estruturais, é fundamental considerar as dimensões subjetivas dessa experiência. A migração envolve não apenas deslocamentos físicos, mas também afetivos, simbólicos e identitários. Dessa forma, a próxima seção busca compreender os sentidos e sentimentos que os estudantes atribuem à sua vivência migratória, explorando percepções sobre pertencimento, acolhimento, saudade, adaptação e as transformações provocadas pelo processo de migração.

OS SENTIDOS E SENTIMENTOS DE SER UM MIGRANTE NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

De acordo com Araújo (2024), é difícil encontrar indivíduos que se identifiquem como migrantes. O que se observa são pessoas que conhecem o termo e seu significado, mas não se reconhecem nessa condição. Diante disso, durante a elaboração do questionário, identificou-se a necessidade de compreender se os estudantes se percebem como migrantes. Por essa razão, optou-se por incluir duas questões abertas no questionário, com o objetivo de compreender com maior profundidade os sentimentos dos estudantes e criar um espaço para que pudessem relatar livremente seus desafios, experiências e percepções enquanto migrantes em Uberlândia.

A primeira pergunta aberta foi: “Como você se sente sendo um migrante em Uberlândia?”. Alguns estudantes relataram dificuldades para se inserir em um novo ambiente, muito diferente daquele ao qual estavam acostumados. Também relataram as experiências relacionadas ao uso do transporte coletivo e ao processo de adaptação ao novo modo de vida em uma cidade maior, contrastando com a rotina mais tranquila do interior.

“Me sinto bem. Embora sinta muita falta de casa, da família e amigos, minha mudança pra Uberlândia me gerou muitos aprendizados e amadurecimento, ainda mais pelo fato de que minha cidade natal é muito pequena e sem muitos recursos, então estar em uma cidade grande me possibilitou crescer bastante.”¹ (Entrevistado 30)

“Sinto que em Uberlândia há mais oportunidades tanto de lazer quanto profissionais, o que me agrada com a mudança. Mas a falta da família, amigos, costumes e comidas típicas da região do norte de Minas está sempre presente.” (Entrevistado 21).

Muitos relataram dificuldades relacionadas à falta de acolhimento por parte da população local, bem como aos desafios de inserção em um ambiente novo, marcado por diferenças culturais, o que intensifica a saudade de casa. Alguns comentaram que determinadas situações adversas são compreendidas como o preço a ser pago na busca por melhores oportunidades.

“Acho que me sinto bem atualmente, no início acredito que seja difícil pra todo mundo inclusive pra mim, ficar longe dos familiares e amigos da minha cidade e poder voltar só nas férias e recessos de fim de período também é complicado, mas entendo que é um preço a se pagar pra realizar meu sonho de estudar, e acabei me acostumando a Uberlândia, pelo menos para mim que

¹ Os relatos dos entrevistados serão apresentados em itálico para diferenciar-se das referências bibliográficas utilizadas.

sou do interior vir pra cá é o baque da cidade grande haha.” (Entrevistado 35).

“Deslocada e desterritorializada” (Entrevistado 45).

A partir das falas dos estudantes migrantes, é possível perceber sentimentos que revelam deslocamento e desterritorialização, como quando se referem a estarem em Uberlândia, mas se sentirem pertencentes ainda às suas cidades de origem. Isso mostra que o movimento migratório não é apenas físico, mas também simbólico e afetivo, marcado por múltiplas territorialidades que coexistem e se reconfiguram. Como aponta Saquet (2007), o território não se limita ao espaço geográfico, mas envolve relações de poder, redes e identidades que são construídas de forma coletiva e histórica.

Apesar dos relatos sobre as dificuldades enfrentadas, alguns estudantes afirmaram estar satisfeitos, terem se adaptado bem à nova cidade e reconhecerem nela um espaço que oferece diversas oportunidades acadêmicas, profissionais e de lazer. As percepções variam conforme fatores como a presença de redes de apoio e a trajetória individual de cada estudante.

“Morar em Uberlândia tem sido tranquilo, principalmente porque moro perto da universidade e de amigos. Isso ajudou muito na adaptação, já que tudo fica mais prático no dia a dia. Com o tempo, fui me acostumando com a rotina da cidade e me sentindo mais à vontade.” (Entrevistado 14).

Esses relatos evidenciam que, embora o processo migratório envolva desafios, ele também pode ser vivenciado de forma positiva, especialmente quando há condições favoráveis à integração e ao desenvolvimento pessoal. Tal diversidade de experiências também foi estudada por Araújo (2022), que destaca a complexidade das migrações estudantis.

A segunda pergunta aberta foi: “Você gostaria de acrescentar algum comentário ou compartilhar alguma experiência sobre sua mudança para Uberlândia?”. Essa pergunta tinha como objetivo oferecer um espaço livre para os participantes que desejassem relatar experiências pessoais. Por se tratar de uma pergunta opcional, o número de respostas foi menor em relação à anterior.

Alguns estudantes relataram dificuldades econômicas enfrentadas em decorrência do processo migratório. De acordo com Arrais (2023), muitos estudantes migrantes vivenciam situações de vulnerabilidade financeira e dependem de auxílios institucionais para garantir sua permanência na universidade.

“Acho que o grande desafio de vir para cá é conseguir se manter, pessoas querendo estudar é o que não falta, mas se manter é difícil, principalmente por conta do quão extenso é o processo de conseguir auxílio estudantil, fiquei meses com minha família no perrengue, então me sentia mal por conta disso, pra dar uma aliviada pra minha família também fazia alguns freelas nos bares ao redor do Campus Santa Mônica, mas olhando pra trás vejo que valeu a pena, hoje já fico despreocupado em relação a parte financeira da minha família por conta da ajuda do auxílio.” (Entrevistado 35).

“Início foi difícil, sou bolsista da UFU e faço trabalhos por fora, dependo totalmente da UFU pra me organizar e conseguir estudar e a jornada não é fácil pra quem vem só de outra cidade, mas vale a pena cada esforço.” (Entrevistado 31).

Os relatos analisados nesta seção evidenciam que a experiência migratória dos estudantes do Norte de Minas para Uberlândia é marcada por uma combinação de desafios e conquistas. As dificuldades vão desde barreiras econômicas até questões culturais e emocionais, como a saudade de casa e o enfrentamento de preconceitos. No entanto, também emergem experiências positivas, como a valorização das oportunidades acadêmicas e profissionais, a construção de novas redes de apoio e o sentimento de superação.

“Ser um migrante em Uberlândia representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma grande oportunidade. A mudança para cá envolve um processo de adaptação a um novo ambiente, com algumas diferenças culturais e um custo de vida mais elevado. A saudade da família e das tradições é um fator presente, mas essa experiência proporciona um crescimento pessoal significativo, exigindo autonomia, resiliência e um emocional forte. Além disso, a cidade oferece mais oportunidades acadêmicas e profissionais, permitindo um desenvolvimento mais amplo em comparação com minha cidade.” (Entrevistado 32).

Esses depoimentos revelam a complexidade do processo de adaptação e reforçam a importância das políticas de permanência estudantil, bem como da construção de um ambiente universitário mais inclusivo e sensível às diversidades regionais que compõem o cenário do ensino superior público no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações da pesquisa apontam que a inexistência de determinados cursos na região do Norte de Minas e a busca por melhores oportunidades de crescimento profissional são os principais fatores que impulsionam a migração estudantil para a cidade de Uberlândia. A UFU surge, nesse contexto, como uma alternativa atrativa, sobretudo pelo seu

reconhecimento acadêmico e por estar inserida em uma cidade com maior oferta de infraestrutura e serviços.

O perfil socioeconômico dos estudantes migrantes aponta majoritariamente para uma realidade de baixa renda familiar, o que torna o acesso às bolsas de assistência estudantil essencial para a permanência no ensino superior. A análise dos dados permitiu delinear um panorama geral desses estudantes oriundos do Norte de Minas que migraram para a UFU, revelando que são, em sua maioria, jovens de 18 a 25 anos, predominantemente mulheres, com condições econômicas limitadas e dependentes de auxílios institucionais para custear sua permanência na cidade.

No entanto, além das barreiras econômicas, os estudantes também relataram dificuldades relacionadas à adaptação cultural, destacando sentimentos de isolamento, percepção de frieza por parte da população local e desafios para estabelecer vínculos sociais em um ambiente urbano mais dinâmico.

A pesquisa também evidenciou o impacto das políticas públicas educacionais, como o ENEM e o SiSU, que têm ampliado o acesso ao ensino superior e viabilizado a mobilidade estudantil. No entanto, as desigualdades regionais persistem como um fator central nos processos migratórios, revelando um sistema educacional ainda concentrado em centros urbanos mais desenvolvidos.

Os desafios enfrentados pelos estudantes migrantes vão além das dificuldades materiais. As experiências relatadas revelam um processo de adaptação marcado por sentimentos ambíguos, que envolvem tanto o entusiasmo pelas novas oportunidades quanto a tensão provocada pelas mudanças abruptas no modo de vida. Muitos estudantes relataram dificuldades com a solidão, saudade da família e sensação de não pertencimento no novo espaço urbano.

A percepção de um ambiente social mais individualista e a dificuldade em criar laços afetivos e redes de apoio em Uberlândia contribuem para um processo de adaptação emocional mais lento. Apesar disso, muitos também destacam conquistas importantes, como o amadurecimento pessoal, o ganho de autonomia e o reconhecimento do acesso à universidade como um passo fundamental para a transformação de suas trajetórias de vida.

Dessa forma, a pesquisa permitiu compreender, a partir da escuta e análise dos estudantes migrantes do Norte de Minas na UFU, como a busca por formação superior tem impulsionado deslocamentos internos no território brasileiro.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a escassez de pesquisas específicas sobre a migração interna de estudantes no Brasil, o que demandou a adaptação de referenciais teóricos mais amplas. Para estudos futuros, sugere-se aprofundar a investigação em diferentes contextos

regionais e considerar aspectos subjetivos da migração, como os impactos emocionais, redes de apoio e estratégias de permanência.

Durante a minha trajetória no ensino básico, migrar para cursar o ensino superior sempre foi uma certeza. A falta de oportunidades na minha cidade, localizada no interior do Norte de Minas, a baixa oferta de cursos nas universidades próximas e os constantes comentários de membros da família sobre o assunto despertaram esse desejo em mim. Atualmente, tendo migrado para Uberlândia e vivenciado muitos dos desafios relatados pelos estudantes entrevistados, percebo a importância do Norte de Minas na construção da minha identidade cultural e social. A experiência migratória permitiu ressignificar meu vínculo com o meu território de origem.

Antes, ao ser questionada sobre minha origem, costumava dizer apenas que era mineira. Hoje, afirmo com orgulho que sou norte-mineira, pois reconheço que há diferenças significativas entre essas identidades regionais. Foi necessário me afastar fisicamente do meu território para compreender sua singularidade e o valor simbólico que ele representa na minha trajetória.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MINAS. Destaque na fruticultura, Norte de Minas é segunda região maior produtora de bananas do Brasil. Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/destaque-na-fruticultura-norte-de-minas-e-segunda-regiao-maior-produtora-de-bananas-do-brasil>. Acesso em: 4 maio 2025.

ALBERTO, T. P. L. **De UnU a UFU: movimentos de criação e federalização de uma universidade no município de Uberlândia, 1957-78**. 2023. 328 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ARAÚJO, A. F. R. **Memória migrante: vidas entrelaçadas na rota do Norte para o Triângulo em Minas Gerais**. 2024. 226 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2024.

ARAÚJO, A. C. **Relação entre a implementação do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a migração interna por motivo de estudos nas cidades-polo de apoio presencial em Minas Gerais**. 2022. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2022.

ARRAIS, F. R. A democratização do acesso à educação superior: migração e permanência estudantil em tempos de desmonte das universidades públicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 17., 2023, Universidade Pública. **Anais [...]**. Universidade Pública, 2023.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. REMHU, **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 20, n. 39, 2012. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/332>. Acesso em: 1 maio 2025.

BIAGIONI, D. **Mobilidade social e migração interna no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/user_files/noticias/ckeditor/daniel_biagioni.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Sisu ofertará mais de 33 mil vagas em Minas Gerais. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/sisu-ofertara-mais-de-33-mil-vagas-em-minas-gerais>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BRITO, T. T. R.; CUNHA, A. M. O. A Universidade Federal de Uberlândia: dos fios que originaram suas inspirações às reflexões sobre sua criação e o modelo filosófico-administrativo-pedagógico. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA ANPAE, 24.; CONGRESSO INTERAMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 3., 2009, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANPAE, 2009. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/simposio2009/339.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BRUMES, K. R.; SILVA, M. Migração e cidades médias: uma análise de Uberlândia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 3, p. 64–87, ago. 2010. DOI: 10.5216/ag.v4i11.11959. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/16644>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CARDOSO, R. P. et al. Migração estudantil: uma análise do impacto da política de cotas e do Programa Universidade Para Todos. In: MACEDO, F. C. et al. (org.). **Universidade e**

Território: ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI. Brasília: IPEA, 2022. cap. 13, p. 429-459.

DE PAULA, A. M. N. R.; PIRES, M. C. C.; SOUZA, C. N. Metodologia e pesquisa no campo das migrações internas: um estudo sobre o processo migratório de norte mineiros.

Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, Niterói, v. 21, n. 1, p. 6–30, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ranking de universidades - RUF 2024. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2024/ranking-de-universidades/principal/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

FONSECA, G. S. **Migrações da Mesorregião Norte de Minas/MG: análises do Censo Demográfico de 2010**. 2015. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia: Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_FonsecaGS_1.pdf. Acesso em: 1 de mai. 2025.

FONSECA, G. S.; GUIMARÃES, R. L. N.; FERNANDES, D. M. Norte de Minas: migrações intraestadual Censo Demográfico 2010. **Revista Desenvolvimento Social**, Montes Claros, v. 13, n. 1, p. 89–103, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/1784>. Acesso em: 22 maio 2025.

FRANÇA, I. S. de; et al. Cidade média, polarização regional e setor de educação superior: estudo de Montes Claros, no Norte de Minas Gerais. **Revista Formação**, v. 16, n. 2, p. 52–70, 2011.

G1. Usina de energia solar de Pirapora inicia produção; conheça. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/usina-de-energia-solar-de-pirapora-inicia-producao-conheca.ghtml>. Acesso em: 4 maio 2025.

GENTILI, P. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1059–1079, 1 dez. 2009.

IBGE. Januária (MG) | Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/januaria.html>. Acesso em: 4 maio 2025.

IBGE. Montes Claros (MG) | Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros.html>. Acesso em: 5 maio 2025.

IBGE. Salinas (MG) | Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/salinas.html>. Acesso em: 4 maio 2025.

INSTITUTO FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS. Localização e contato dos campi do IFNMG. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/dadosabertos/17-portal/institucional/2311-localizacao-e-contato-dos-campi-do-ifnmg>. Acesso em: 3 maio 2025.

INSTITUTO SEMESP. Minas Gerais – 11º Mapa do Ensino Superior. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-11/regioes/sudeste/minas-gerais/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Campi e polos. Disponível em: <https://iftm.edu.br/campi-polos/> . Acesso em: 5 maio 2025.

LI, D. L. **O novo Enem e a plataforma Sisu: efeitos sobre a migração e evasão estudantil**. 2016. 108 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-23112016-094256/pt-br.php>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARTINS, I. M. M. Aspectos teóricos da migração e do migrante a uma nova forma de olhar o espaço. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 292-321, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/15493>. Acesso em: 24 de jun. 2024.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf . Acesso em: 3 de mai. 2025.

PEREIRA, A. M. Múltiplos olhares sobre a região Norte de Minas. **Revista Cerrados**, Montes Claros, v. 4, n. 1, p. 23–42, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Economia. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/economia>. Acesso em: 4 maio 2025.

QUADROS, L. F. S. A jornada por um sonho: sofrimento psíquico e desafios psicossociais enfrentados por estudantes em migração pendular. **Lumen et Virtus**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 44, p. 164–180, jan. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv16n44-014>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SAQUET, Marcos Aurelio. Geografia e epistemologia: categorias de análise e a lógica dialética. Geografia: **Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 2006.

SILVA, A. G. Investigando o acesso no Ensino Superior em contexto de políticas públicas: o ENEM, o SISU e a migração estudantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: **JORNADA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, 9., 2019.

SILVA, A. G.; VARGAS, H. M. Novas políticas, novos desafios: o Enem e o Sisu como mecanismo de mobilidade estudantil reflexos na Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 1.; CONGRESSO NACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 2.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 22.**, 2020.

SILVA, L. S. **A migração universitária no período de 2014 a 2019 para UFMA, Campus VII, Codó-MA: “a vida é combate”**. 2022. 85 p. Monografia (Graduação em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2022.

SISU - Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/sisu?start=380>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SOARES, R. S.; LOBO, C. Centralidades regionais em Minas Gerais: uma proposta com base na oferta do ensino superior. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUR, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333787264>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SOUZA, E. M.; ALMEIDA, L. P. Políticas públicas para a educação no Brasil e a mobilidade estudantil interna. **TraHs – Números especiais**, n. 4, p. 22–35, 2019.

TAVARES, G. Q. **Migração Interna Populacional e sua Participação no Desenvolvimento Regional No Final do Século XX**. 2001. 107 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Fundação Getúlio Vargas, 2001.

TEIXEIRA, Tito. IFTM não disponibilizará vagas pelo Sisu no primeiro semestre de 2024. *Jornal da Manhã*, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://jmonline.com.br/cidade/iftm-n-o-disponibilizara-vagas-pelo-sisu-no-primeiro-semester-de-2024-1.345417>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Apresentação. Disponível em: <https://unimontes.br/apresentacao/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. Conheça a UFTM. Disponível em: <https://www.uftm.edu.br/institucional/conheca-a-uftm>. Acesso em: 5 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Graduação. Disponível em: <https://ufu.br/graduacao>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Campi. Disponível em: <https://antigo.ufu.br/campi>. Acesso em: 3 maio 2025.